

CORREIO OLHANENSE

DIRECTOR: ANTERO NOBRE ■ SEMANÁRIO REGIONALISTA ■ EDITOR: A. O. PACHECO NOBRE
Redacção e Administração: Rua Dr. João Lucio, 2-Olhão — Propriedade da Empresa de Publicidade de Olhão, Lda. — Comp.-Imp.: Tipografia União-Faro
Ano I Olhão, 7 de Novembro de 1948 (AVENÇA) N.º 39

A União Nacional no Algarve PECHÃO

E AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

— A União Nacional

NÃO será demasiado acen-
tuar, embora isto já esteja
bem dito e aclarado que,
a União Nacional não é
um partido político, será, antes,
uma organização na qual

cabem todos os portugueses de
boa vontade que queiram provar
mais uma vez ao Mundo que
em Portugal não há, jámais ha-
verá lugar, para interferências
estrangeiras, e estejam dispo-
stos a, sob a égide de Salazar e
do Estado Novo, trabalhar para

**Declarações do sr. Dr.
José Raimundo Ramos
Passos, ilustre Presi-
dente da Comissão
Concelhia da União
Nacional em Tavira**

o bem comum e maior engran-
dimento da Pátria.

Há ainda, infelizmente, mui-
tas pessoas que, por comodida-
de ou por recio de ofensa a
antigos correligionários, não
querem reconhecer aberta e sin-
ceramente a obra em todos os
campos realizada pelo Estado
Novo Corporativo e que, por
esses motivos persistem em di-
zer que se consideram indife-
rentes, não vendo que com es-

(Continua na 8.ª página)

MANIFESTOU-SE COM DELÍRIO PERANTE O CHEFE DO DISTRITO que ali inaugurou importantes melhoramentos NO PASSADO DOMINGO

COMO previamos, a riso-
nha e progressiva aldeia
de Pechão dispensou a
mais carinhosa recepção
ao Sr. Dr. Luís Vaz de Sousa,
ilustre Governador Civil do Dis-
trito que ali se deslocou, no pas-
sado domingo, com o fim de
inaugurar importantes melhora-
mentos.

O Chefe do Distrito, acompa-
nhado dos srs. Dr. Matos Par-
reira, presidente da Comissão
Distrital da União Nacional;
Dr. Mário Lyster Franco, presi-
dente da Comissão Concelhia da
U. N. de Faro; capitão Marques
Loureiro, comandante da Polícia;
Virgílio Ferreira Fagulha, Di-
rector Escolar do Distrito, che-
gou a Olhão por volta das 16
horas. Aguardavam o ilustre Go-
vernador Civil, entre outras in-
dividualidades, os srs. Cr. Faus-
to Redondo Pinheiro, presidente
do Município desta vila; Dr.
Luiz Sabbo, presidente da Co-

missão Concelhia da União Na-
cional; tenente José Custódio,
comandante do Terço da Legião
Portuguesa; vereadores; repre-
sentantes da imprensa e muitos
nacionalistas de Olhão e de ou-
tras terras do Algarve.

O sr. Governador Civil foi
recebido à entrada de Pechão
pelo presidente e demais mem-
bros da Junta de Freguesia que
lhe apresentaram cumprimentos
de boas vindas enquanto, ao
som de música executada pelo
Terço da Legião Portuguesa de
Olhão e do estralar de fogue-
tes e morteiros, o povo o acl-
mava carinhosamente. Grupos
de crianças das escolas, com as
suas batas brancas a assemelhar

(Continua na 5.ª página)



A ESTRADA

de Moncarapacho a Estoi

Foi adjudicada por 268.000\$
a primeira fase da sua construção

NA reunião de Câmara da pas-
sada 5.ª feira foi aberto
concurso para adjudicação da
obra de construção da importan-
te estrada que ligará Moncarap-
acho a Estoi.

Compareceram sete concor-
rentes e, lidas as declarações da
lei, foi a obra adjudicada ao sr.
José Martins Cordeiro que apre-
sentou o preço mais baixo —
268 000\$000 — para a 1.ª fase da
obra.

Mais um melhoramento impor-
tante para que nos permitimos
chamar a atenção dos nossos
prezados leitores. Mais um pas-
so em frente na obra gigantesca
de renovação nacional. Mais um
motivo de parabéns para os ha-
bitantes de Moncarapacho e de
Estoi e, finalmente, mais um
agradecimento para a incansável
Câmara Municipal de Olhão.

O REGIME DA LOTA ÚNICA E O PREÇO DO PEIXE

A existência de uma lota úni-
ca e livre é, sem dúvida,
uma das principais causas
da desmesurada e para o
povo insuportável alta dos
preços do peixe, nos mercados de
consumo algarvios, mormente
nesta nossa vila de Olhão. Disse-
mo-lo no último número deste
jornal e, conforme também então
prometemos, vamos dar hoje aos

nossos leitores as razões que nos
levaram a tal afirmação.

Na lota única concorrem, como
compradores, simultaneamente,
os industriais de conservas, os
industriais de frigorificação, os
comerciantes exportadores de pei-
xe para outros mercados do país
e os comerciantes vendedores de
peixe nos mercados locais.

Os preços do peixe na lota re-
sultam, portanto, da competição
entre todas estas classes de com-
pradores, competição logicamente
tanto mais renhida quanto maior
for a escassez da pesca, quero di-
zer, a escassez de peixe na lota, e
em que evidentemente predomi-
nam sempre aqueles que dispo-
nham não só de maior poder de
compra, mas sobretudo de maio-
res possibilidades de refazerem,
com ganho razoável, o capital que
empatam nas transacções; e nes-
tas últimas condições encontram-
se, não resta dúvida e com gran-
des vantagens sobre os vendedo-
res dos mercados locais, os indus-
triais e os exportadores, que são,

(Continua na 2.ª página)



A aldeia de Estoi, que vai receber
o benefício duma ótima estrada,
dê-nos este lindo aspecto

Corresponda ao nosso apelo
em favor dos pobres!

Serra
tiveram Governados do Municipal entarem
Sousa, Marcos do reco-visita do a aldeia, omes da Contrei-Vargas, tel Eloi, os Fran-brinho), s Santos receram um lindo como re-ira visita
Divil teve ra os re-om povo, tilezas de larcos da ; uma vez vivo inte-gravissi-Marcos, e S. Mar-zeu o sr. inho, pre-de Silves.
35
KÃO
gina)
i ser tão ceber os o peque-er o seu o carinho dispensa-te da Câ-Olhão e do conce-do ilustre sr. Dr. sa, do sr. do Pinhei-C. M. de ados Dia-da União es, repre-ensa, etc., 2, pelas 16 ção da luz aspiração sta fregue-dum lava-Banda de da Legião Olhão abri

INAUGURAÇÃO DE IMPORTANTES MELHORAMENTOS

em PECHÃO

(Continuação da 1.ª página)

pombas de paz, davam um aspecto impressionante ao percurso atapatado de flores.

Numa das salas do edifício da escola primária realizou-se seguidamente uma sessão solene a que presidiu o sr. Dr. Luis Vaz de Sousa ladeado pelos srs. Dr. Matos Parreira, capitão Marques Loureiro, Dr. Fausto Pinheiro, Dr. Luis Sabbo e António de Sousa Guita, presidente da Junta de Freguesia, e centenas de pessoas.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. Dr. Fausto Pinheiro que, em nome da Câmara Municipal de Olhão pronunciou as primeiras palavras de boas vindas ao Chefe do Distrito de quem fez, seguidamente, as mais rasgadas e justas referências. Enalteceu o povo de Pechão, povo ordeiro, grato e bom em quem o Governo da Nação pode confiar, disse, em todas as emergências. Com palavras brilhantes e entusiásticas o sr. Dr. Fausto Pinheiro fez sobressair a grandiosa obra do Estado Novo, lembrou o muito que todos os portugueses devem ao sr. Dr. Oliveira Salazar citando, entre outros, o exemplo inesquecível da paz que lhe devemos principalmente, acrescentou, durante o período da última guerra mundial em que foram sacrificadas às balas as melhores parcelas da juventude das outras Nações. As últimas palavras do grande nacionalista que é o sr. Dr. Fausto Pinheiro, foram coroadas com grandes aplausos da assistência.

Seguidamente o sr. António de Sousa Guita, em nome do povo da sua aldeia saudou o sr. Governador Civil e os ilustres visitantes, teceu os mais merecidos elogios ao presidente da Câmara de Olhão e patenteou-lhe os mais vivos agradecimentos pelo carinho por ele dispensado, bem como pelos veredores, às freguesias do concelho e, particularmente, à aldeia de Pechão cujo povo se sentia profundamente reconhecido pelos importantes melhoramentos que nela iam ser introduzidos. O povo de Pechão, acrescentou, jamais deixará de ser agradecido ao Governo da Nação.

O Rev. Padre Castro, prior

da freguesia, fez em seguida uma bela lição de moral cristã e lembrou aos seus paroquianos a obra grandiosa de engrandecimento do País à frente de cujos destinos se encontra um Governo que o tem reintegrado nas normas morais que estão na sua tradição.

Recebido com grandes aplausos falou depois o sr. Dr. Matos Parreira que, enaltecendo a obra da Câmara de Olhão, disse: **entre as autoridades administrativas deste concelho e a União Nacional existe, existiu sempre, o mais leal espírito de colaboração e entendimento; nisso reside o grande segredo dos êxitos obtidos pelo progresso do concelho de Olhão.**

O sr. Dr. Matos Parreira falando com aquela eloquência e entusiasmo que lhe são peculiares com aquele fervor de nacionalista dos maiores que todos sabem que é, vibrantemente aclamado, dirigiu ao sr. Governador efusivas palavras de reconhecimento pela sua honrosa presença naquela reunião, agradeceu comovidamente ao povo de Pechão a forma ordeira como soube aguardar os seus desejos que agora se tornavam em realidades e garantiu ao sr. Dr. Luis Vaz de Sousa que aqui, como em todo o concelho de Olhão, encontraria sempre as mais dedicadas boas vontades. O orador foi aplaudido com invulgar entusiasmo e os nomes de Carmona e de Salazar, do Estado Novo e de Portugal foram largamente vitoriados.

O discurso do sr. Governador Civil

Quando o sr. Dr. Luiz Vaz de Sousa se ergueu para pronunciar o seu discurso, o seu brilhantíssimo discurso, a assistência recebeu-o com frenéticos aplausos e entusiásticos vivas. Agradecendo tão sincera e espontânea manifestação o ilustre Chefe do Distrito principiou assim a sua oração:

«Agradeço sinceramente aos oradores que me antecederam, as saudações que me dirigiram e que, pessoalmente as não mereço; todavia são merecidas como representantes do Governo a que preside um dos homens mais eminentes do Mundo. Esse homem chama-se António de Oliveira Salazar. Graças a ele esta Pátria está salva. A obra é tão vasta; o território português está de tal forma polvilhado de melhoramentos de toda a ordem; o progresso atingiu uma tal altura, que toda a gente, onde quer que se encontre, passeando nas

aldeias, nas vilas, nas cidades; atravessando as estradas; viajando nas camionetas ou nos comboios; basta debrugar-se e não dormir — dormir proposadamente — para verificar que Portugal está restaurado.

Aqueles que não estão ainda declaradamente conosco, divido-os em dois grupos: um constituído por gente de bem, amigos da Pátria como nós, que só pelo facto de terem servido sob outras bandeiras políticas, não obstante serem bem intencionados, por um pudor, aliás incompreensível, não se decidiram ainda a enfileirar a nosso lado. Todavia, porque são bem intencionados, porque são patriotas como nós, não duvido de que, na hora de perigo, ve-los-ei a nosso lado. De resto, porque não estão já conosco? Por patriotismo? Não, pois nós temos dado inequívocas e sobejas provas do nosso patriotismo. Por desajarem o progresso do país? Também não, porque é evidente que o País tem progredido com um ritmo nunca igualado sob a nossa administração. Por falta de liberdade, dizem alguns! Mas esses não reparam em que o que diminuiu nestes últimos vinte anos foi a liberdade de ser pária em casa; sem garantia de reforma ao fim duma vida de trabalho; sem assistência na doença; sem ajuda eficaz na invalidez, sem estradas, sem escolas, sem portos, etc. Essa sim, diminuiu; a outra, a de exprimir de boa fé, com espírito construtivo a opinião, essa nunca nos faltou, nem faltará aqueles que, com esse espírito, quieram vir até nós, onde serão bem recebidos.

Os outros, o do segundo grupo a que me referi, são os indesejáveis, com quem não queremos qualquer espécie de contacto porque são, como é sabido, alagados ou vendidos ao interesse inconfessado do estrangeiro.

O público sublinhou estas palavras com grandes aplausos e vivas a Salazar e ao sr. Governador Civil.

Referiu-se depois o sr. Dr. Luis Vaz de Sousa aos melhoramentos de Pechão, com que muito se satisfazia e a terminar o seu brilhantíssimo discurso solicitou a todos os presentes que «com a alma ao alto, com o pensamento posto no Altar da Pátria», o acompanhassem sinceramente, sentidamente n'um «viva» a Portugal, a Carmona e a Salazar. E todos os presentes correspondendo grandiosamente, sentidamente, aclamaram por longo tempo Portugal e os Chefes da Revolução Nacional.

Eduardo Beltrão Júnior
MÉDICO

Consultas das 9 às 11
e das 15 às 17 horas.

Consultório :

Avenida da República, 98

Residência :

Av. Bernardino da Silva, 27

Atendem-se chamadas
a qualquer hora

FITA DESTA SEMANA

JA iniciar a fita desta semana à forma habitual, quando reparei no calendário que marcava o mês de Novembro. Novembro... dobres de jinnados... tujos de flores dum conjunto policromo sobre as campas... campas que não têm uma só flor... orações por alma daqueles que nos foram queridos... desgraçados que nunca conheceram família... tudo passou pelo meu cérebro num repente!
Então resei baixinho por alma de todos os que das minhas orações carecessem e compuz as pobres rimas que se seguem:

A MORTE

Temer a Morte—dize—para quê,
Se são asas que tomas p'ra voar.
—Liberdade que só tens no Além,—
E na terra é custoso caminhar?

Atira longe a venda que te cega,
Faze na terra o que puderes de bem;
Cumpre os ditames que tua alma
alberga,
Serás abençoado por alguém.

Não te revoltas contra o sofrimento,
Que as penas do Mundo são passageiras,
— um nada do todo... um simples
momento!... —

Ao mal corresponderás com o bem,
Acções que serão tuas mensageiras,
Para te anunciarem no Além.

Chico Alentejano

Seguiu-se uma merenda em honra do sr. Governador Civil. Aos brindes vários oradores se fizeram ouvir e, em determinada altura as manifestações a Salazar, ao Estado Novo, a Portugal, ao Chefe do Distrito atingiram o delírio (vidé neste número «O «diabo» veio à terra»)
Pelas 18,30 foi finalmente inaugurada a luz eléctrica após o que o sr. Governador Civil, sempre aclamado, se retirou para Faro.

Mário Gentil Homem

José de Sousa Uva

Advogado

Consultas às segundas e quintas

R. Cap. João Carlos de Mendonça

Telef. 107. O L H A O

SERVIÇO

EFÓNICO

FARO

da local que com
o há dias publico
e-nos nos segun
Administração Co.

Correio Olhanense
ultimamente se
às dificuldades
se verificam na
telefone da Est.
de Faro, em virtude
aí uma única co-

tração Geral da
dência no sentido
mento de mais an
Estação em causa,
apeias que seja
erminadas difficil
effectuar a instala-

bro de 1948.

ministrador Adjunto
de Matos e Silva

os a gentileza do
o Geral dos CTT
ver realizada, num
de tempo, uma das
nais justas aspira-
tulação da impor-
de Faro.

de Jesus Martins

Portimão e afirma
o cargo de vigário
teste concelho, em
olhão o sr. Padre
s Martins a quem
amente, e um pri-

e borracha

os géneros

UPPO & C

L H A O

riedade

sítio de Brancaneira
habitação e moradia
hão. Vende-se
o Tavares, Olhão

ilógrafo

ar serviços com
feição, oferecendo
das 18 horas, na
lova da Cruz, 14

galhões

ceitilenteas

restres; monedas

s, alumínio, etc.

1-OLHÃO

O "diabo" veio à Terra

POIS é verdade meus senhores. O "diabo" veio à Terra e pretendeu fazer diabruras! Eu vou contar como a coisa se passou:

O dia 31 de Outubro alvoreceu estrondoso e ridente. Qualquer coisa de grandioso nos anunciava na sua alegria barulhenta. Morteiros e foguetes estalavam no ar calmo e quente deste Algarve de paisagens belas, inconfundíveis, de lendas e de tradições, de poetas e de heróis. E na realidade, segundo depois verifiquei, alguma coisa de *muito vulgar* nos tempos em que vivemos se anunciava.

A 4 quilómetros desta incomparavelmente bela vila, na freguesia de Pechão, ia proceder-se à inauguração da luz eléctrica, duma ponte e duma estrada na extensão de 3 kms.

O povo, aquele mesmo povo honrado e trabalhador que de há muito deixara de crer nos prometimentos vãos de políticos que só apareciam em vésperas de eleições para ganhar tempo e votos, dava largas ao seu contentamento, erguia, nos foguetes que subiam aos ares, testemunhos estridentes de reconhecimento aos Homens que nada lhe prometeram, que nada lhe pediram e que tudo, tudo quanto de mais humanamente necessário lhes ia conceder. Bom e reconhecido povo este de Pechão que nos deparou uma das mais gloriosas páginas de patriotismo e de fé nos dirigentes da Nação! Portugal parece ter cabido inteirinho, na sua grandeza territorial, religiosa e política, naquele modesto, caprichoso e alvo conjunto aldeão que tão orgulhosa e sinceramente soube receber os ilustres visitantes que proposadamente, como se ali fora o berço deste Portugal eterno e grande, até lá se deslocaram e ali, na presença de rostos queimados pelo Sol, reflectindo rugas alegres e sãs; de corpos vergados ao peso do trabalho honrado; mãos calejadas pelas armas rudes do manço da terra, de lágrimas nos olhos profundos e calmos—porque o povo é assim quando está alegre; manifesta assim os seus sentimentos cristãos; bem haja!—pronunciaram discursos vibrantes e eloquentes fazendo desfilar, perante aqueles cérebros atentos, as mais belas páginas da História Pátria!

Por isso eu digo que Portu-

gal, este Portugal infidável de feitos gloriosos que deu ao Mundo filhos tão heroicos que quebraram lendas que tornavam intranponível a imensidão oceanica; que marcaram, mercê dos seus sacrifícios e do seu sangue, a sua passagem nos mais longínquos, desconhecidos e, por isso mesmo, temidos pontos do globo terrestre, a sua existência histórica, inter-

POR

Mário Gentil-Homem

minável e respeitada, Portugal, esteve ali: todo inteirinho, na aldeia de Pechão, altaneiro, orgulhoso dos seus feitos, cantando hinos de gratidão aos seus antepassados, manifestando reconhecimento aos Homens do presente, dignos sucessores duma História admirada e invejada—porque não?—por todas as raças, por todas as Nações cristãs! Tudo caminhava em ordem e com entusiasmo.

Centenas de vozes se erguiam em um ssono homenageando o Chefe do Distrito e o Presidente do Município de Olhão que ouviram, comovidos, — porque não dizê-lo?!—ecoar frenética e sinceramente os nomes de Carmona e de Salazar, do Estado Novo e de Portugal. Uma grande família portuguesa, cristã, estava ali reunida, ouvidos já discursos eloquentes e vibrantes de políticos honestos, de sacerdotes bondosos e calmos e eis que, numa atitude inesperada e condenável, ofendendo o crucifixo que pendia numa das paredes, como que a lembrar aos homens as virtudes excelsas, o respeito e veneração devidos à passagem de Deus pela Terra numa tentativa de redenção dos espíritos, exemplo de dor e de alegrias, lembrando que *devemos amar-nos uns aos outros*. . . o "diabo" surge para "botar" palavra. E começou assim: — meus senhores eu sou o "diabo". . .

Não, não foi assim; aquele corpo que ali estava, que todos muito bem conhecemos, figura imortal da nossa terra—ele próprio o afirma—dominado pela força satânica que nele deixou encarnar, disse:—eu represento o "diabo". E perante o espanto de toda aquela massa humana cristã, que ali estava alegre, manifestando gratidão aos Homens e a Deus, o representante do "diabo" falou; disse algumas palavras de censura, pretendeu brincar, escarnecer dos homens e dos factos. O povo reagiu energicamente, freneticamente, vitorioso os nomes inconfundíveis de grandeza e de prestígio internacional: Carmona e Salazar. E o representante do "diabo" perplexo perante tama-

na manifestação de reconhecimento e de fé nos destinos da Pátria, perante aquela tão patente comunhão de ideais em que não acreditava — e os seus partidários também não! — franziu repentinamente os sobrolhos, olhou atônito aquela massa humana que lhe fazia frente tão ordeiramente—são assim os homens do Estado Novo ilustre: r. que se deixou dominar pela força destruidora do "diabo"! — e desiludido de si próprio e daqueles que mal o haviam informado da união do povo português em volta dos Chefes da Revolução Nacional—que é um facto incontestável, não presenciou?—embora contrafeito cerrou os lábios, e mais não disse naquele inesquecível ambiente nacionalista que ficará na memória de todos nós como uma das mais belas paradas de patriotismo.

Soubemos depois que o representante do "diabo" se lamentara de que o não deixassem prosseguir no seu "discurso"; que centenas de pessoas electrizadas e histéricas lhe tolhessem a palavra porque, ele queria dizer mais, queria. . .

. . . talvez quizesse agradecer aos nacionalistas que ali estavam, às centenas, a forma correcta como, apesar de tudo, o trataram; confessar se comovido com o delírio, a fé em Deus e nos Homens, que aqueles bons portugueses ali manifestaram? Talvez quizesse confessar que afinal de contas, em Portugal—, apesar daquilo em contrário que os outros dizem, **há incontestavelmente, liberdade política?** Doutra forma o representante do "diabo" não teria ali usado da palavra. . . e em tais termos!

E verdade seja, o representante do "diabo" tinha razão absoluta para reconhecer e confessar que, se fosse noutros tempos em que a liberdade era apregoada aos ventos pelos caciques que hoje ainda sonham enganar incautos para abrir as portas ao seu desmedido desejo de mandar—embora com eles seja necessário trazer a destruição comunista—; se fosse nesses inesquecíveis tempos em que havia liberdade para tudo: liberdade de matar; liberdade de greves e de revoluções; liberdade de esbofetear e de atirar pela janela fora um qualquer representante do "diabo" que aparescesse a manifestar-se em contrário com a liberdade dos outros, o representante do "diabo" não teria saído daquela sala tão convencido da união do povo português; tão convencido das realidades progressivas da Nação; nem tão satisfeito por ninguém o ter molestado fisicamente.

NÃO LARGAREMOS PORTUGAL...

«O que nós queremos é a continuidade política e administrativa que tem sido o nosso sucesso para segurança, desenvolvimento e definitiva consolidação do processo moral e material da grande Nação que todos constituímos. Quebrando se essa continuidade estrutural ficaria incompleta e portanto menos resistente a obra da nossa renovação. Perder-se-la muito benefício conseguido, não se atingiria o que ainda falta obter. Por isso, como eu disse um dia algures: «Não, não largaremos Portugal das nossas mãos.»

(Ministro do Interior, Eng.º Canceia de Abreu, no Funchal — 25-10-1948).

Rev.º Padre José Vieira

TERVE a gentileza de vir apresentar-nos cumprimentos de despedida o nosso muito querido amigo sr. P.º José Vieira que, como coadjutor, prestou relevantes serviços à igreja deste concelho, e que foi nomeado pároco de Bensafim, do concelho de Lagos.

Porque o não deixaram prosseguir?! Certamente que todos ouviríamos dizer: — têm razão; Portugal é grande, enorme mesmo, na sua extensão, nas suas obras gigantescas de restauração; Portugal vive as mais gloriosas páginas da sua história; politicamente é sã; administrativamente é honestíssimo; os portugueses são educados, correctos; são outros portugueses, reconhecidos, ordeiros, verdadeiros obstáculos à desordem; às revoluções e às greves; **Portugal é, enfim, uma grande e próspera Nação.**

Não foi isto que lhe ficou por dizer sr. representante do diabo? **«Vade retro satane»** disse eu, disseram-no todos aqueles bons filhos de Deus que ali estavam na aldeia de Pechão.

Por fim, quando o "diabo" abandonou o corpo da sua vítima, todos, intimamente, agradecemos ao ilustre sr. Dr. cujo nome escondemos por respeito aos princípios políticos de ordem que professamos e à lei cristã em que vivemos, o brilho que, com o seu sacrifício, emprestou àquela reunião nacionalista.

Olhão, 31 de Outubro de 1948

Materiais para construção
GALUPPO & C.
OLHÃO

SOCIEDADE

as e chegada
usência em g
encontram n
prezados ass
Alberto da S
chete da Sec
este concelho
ncionário da C
de Olhão.

dias nesta v
o prazer da
prezado ass
almeiro, tre
bol Clube.

Doentes
er-se subme
sa intervenção
isboa, encontra
em vias de resta
o nosso preza
ristovão Barbo

Popular

dos problema
o número

N.º 1, o ovo e
2; o relógio.

N.º 1, a perita
ras, comeram
tra; N.º 2, são du
meias, N.º 3, São

Jo Sul

tu ha dias o
de existência
ja de Silves, se
gionalista, «V

Jassa-so

com cadeira
os, na Avenida
a Silva, 122, Ol
Tiago Alves
ilva—Olhão.

para automot
PPO & C
lhão

REGADO

para armazen
screver e cont
elhores refer

de borrache
s os gêneros

LUPPO & C.

OLHÃO